



# Voz do Santuário

ÓRGÃO OFICIAL DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS PRECES

PROPRIEDADE DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DAS PRECES • TELEFONE 912 DE GALIZES : : : : : DIRECTOR E EDITOR PADRE MÁRIO OLIVEIRA DE BRITO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ALDEIA DAS DEZ • OLIVEIRA DO HOSPITAL • COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA DE COIMBRA, L.DA • LARGO DE S. SALVADOR, 1-3 • COIMBRA • TELEF. 24787

## ELECTRIFICAÇÃO de Vale de Maceira e Goulinho

No dia 24 do passado mês de Junho realizou-se, no Santuário da Senhora das Preces, uma reunião de pessoas interessadas na electrificação de Vale de Maceira e Goulinho.

Depois de troca de impressões ficou assente cada um dos lugares ter a sua Comissão destinada a angariar donativos para a electrificação das suas terras.

Para a electrificação do Santuário responderá a própria Mesa Administrativa da Irmandade.

Para Vale de Maceira foi nomeada uma Comissão que será composta pelos Senhores:

Anibal Dias Mendes,  
Américo Mendes Álvaro,  
Vasco Lourenço Duarte,  
Raul Adrião  
e António Mendes Dias.

Para Goulinho a Comissão é composta pelos Senhores:

Cristiano Lourenço  
e Ernesto Lourenço Fernandes.

Como em Lisboa há muitas pessoas de Vale de Maceira e Goulinho, algumas das quais já prometeram a sua ajuda, resolveu-se constituir ali uma Comissão destinada a recolher os donativos.

Por parte de Vale de Maceira a Comissão é composta pelos Senhores:

José João Dias.  
José Mendes Dias Duarte.  
José Dias,  
e Manuel Lourenço.

Por parte do Goulinho os Senhores:

António Lourenço Duarte,  
Adelino Augusto de Moura,  
e Genésio Dias Formigo.

Estamos esperançados de que todos empregarem os melhores esforços no sentido de alcançarmos o fim desejado: a electrificação do Santuário, Vale de Maceira e Goulinho.

É verdade que a importância a arranjar é ainda grande.

Exige talvez sacrifícios de um ou de todos; mas, já aqui o dissemos, hoje sem sacrifícios nada conseguimos.

A nossa posição geográfica não nos coloca à beira das cidades ou vilas, onde os melhoramentos são levados à porta dos habitantes, sem que estes os paguem (ou agradeçam).

(Continua na página três)

Assinai a VOZ DO SANTUÁRIO

## O NOSSO CORREIO

Recebemos uma carta de Lisboa com dinheiro para pagar a assinatura de um nosso assinante residente em(???)

Não consegui decifrar o nome da terra... só fiquei a saber que era de Angola. A carta foi escrita por uma senhora, com boa caligrafia, mas o nome da tal terra é que não se entende.

Ao Sr. José Ferreira Torres presado assinante de Vila Franca—Darque—Minho queremos agradecer a sua carta. Pode, sim Senhor, escrever-nos com a direcção que enviou.

—Ao Sr. Manuel Verissimo Pardal, presado assinante em Sobral do Campo, queremos dizer que recebemos a a carta e as importâncias que enviou para a *Voz do Santuário*.

—Continuamos a receber pedidos de mudança de direcções. Dizem-nos que mandemos para tal... mas não nos indicam a morada antiga e, sobretudo, não nos indicam o número da direcção que se deve cortar. Ora esta falta faz-nos perder muito tempo. Aqui, como nos telefones, desejamos saber o número.

## NOVOS ASSINANTES

Deram-nos a honra de se inscreverem como assinantes os Senhores Abílio Rodrigues residente em Canhoso-Covilhã; o Sr. Abílio Gomes de Almeida, residente em Coimbra; o Sr. Alberto da Fonseca Pereira, residente na Argentina, a pedido do nosso presado assinante António Belo; e o Sr. João Pereira Abrantes, residente no Rio de Janeiro escreveu-nos também a pedir a «Voz do Santuário». Os nossos agradecimentos.

## Donativos para o Posto Médico

Do Sr. Albino Alves da Silva, residente em Lisboa, recebemos 30\$00; do Sr. João Lourenço Mendes, residente em Vila Franca de Xira, recebemos 50\$00.

A Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D.<sup>a</sup> Filomena de Jesus Salgueiro, residente em Lisboa entregou 50\$00 e inscreveu-se como sócia do Posto Médico. Agradecemos.

## A MODÉSTIA VIRTUDE CRISTÃ E HUMANA

A modéstia é o fruto precioso do Espírito Santo presente nas almas, conforme diz S. Paulo na sua carta aos Gálatas; logo a seguir enumera também a continência e a castidade, no número desses frutos celestiais. É, pois, uma manifestação divina nas almas, e, ao contrário, de outras virtudes, esta deve ser bem manifestada a todos.

Nasce do pudor natural, a cultivar nas crianças desde a mais tenra infância, e desenvolve-se pelo hábito da vida cristã.

Não é a modéstia apenas de trazer por casa, mas deve sair à rua e à praça, à igreja e ao campo, ao cinema, aos espectáculos à praia. Se lhe pertence ser um sentimento pessoal e íntimo ela deve ter esplendor externo porque lhe compete servir de edificação a crentes e a descrentes.

Em que consiste, então, a modéstia cristã? É o recato do nosso corpo, pelo qual o guardamos como o Sacramento das nossas igrejas onde está no Santíssimo Sacramento. Também ali está envolto em véus que O escondem dos olhos profanos.

Quando o Senhor Jesus falou do templo que seria destruído e recomposto ao terceiro dia referia-se claramente ao Seu Corpo Santíssimo; o nosso corpo é o templo do Deus Vivo onde habita o Espírito Santo. Porque havemos de o expor aos olhos lúbricos e curiosos da turba?

A nossa carne vale pelo espírito que o alenta e lhe dá vida. Cultivar o corpo e esquecer a alma é perder a parte mais valiosa da nossa personalidade.

O homem ou a mulher pode, «abonecar-se» mas nem por isso se tornam mais humanos porque a dignidade humana tem sede nas suas faculdades espirituais e são estas que distanciam a pessoa dos animais e das coisas. Daí tornarem-se aviltantes os «concursos de beleza» que olham só ao corpo em prejuízo evidente da honra e dignidade humanas. A propositada exibição dos corpos é a falta de modéstia e revela ausência do Espírito Santo nas almas, rebaixa a virtude cristã,

inferioriza os que a praticam, e destrói o respeito que é devido à pessoa humana.

O homem que exhibe o corpo é tido por excêntrico e imoral; a mulher será considerada leviana e insensata. Ainda que pretendam invocar-se razões de ordem sanitária ou higiénica, estas não passam de pretextos inúteis e falaciosos: nem enganam sequer aqueles que os invocam ou proclamam. Os que guardam o seu corpo gozam de tanta ou mais saúde que os praticantes do nudismo pretensamente medicinal.

A grande heresia dos tempos modernos é a exaltação do corpo e a satisfação materialista dos baixos instintos; aqui vêm beber as suas águas inquinadas quase todos os erros da presente geração, e, no entanto, nada avilta tanto o homem como a aproximação do animal que, incapaz

(Continua na página três)

## Com medo do «espectro»...

*Copenhague — Acordados por gritos, empregados do asilo de velhos em Gelsted, na Finlândia, precipitaram-se para fora do recinto, durante a noite e, com grande espanto, distinguiram um espectro branco que pairava, berrando, por cima deles, a 4 ou 5 metros do solo. Foi um dos asilados que, em estado de sonambulismo, caiu pela janela e ficou preso aos fios eléctricos.*

A N O X I

10

JULHO • 1960

NÚMERO 117

# Notícias de • S. Vicente da Beira

Dia 24 de Maio deslocou-se daqui uma delegação de representantes da freguesia, a apresentar cumprimentos a S. Ex.<sup>a</sup> o Senhor Governador Civil do nosso Distrito, Senhor Dr. José de Carvalho, por mais um aniversário da sua investidura no cargo que exerce tão eficientemente e a contento de todos os seus súbditos.

— Dia 25 começaram a ser construídas mais três moradias no bairro do Hospital.

— Dia 29 de Maio o Ex.<sup>mo</sup> Senhor Presidente da Câmara do nosso Concelho, na inauguração da luz eléctrica na renovada freguesia do Ninho do Açor, referiu que em breve conta vir também a inaugurar o mesmo melhoramento nas freguesias de Sobral do Campo e de S. Vicente da Beira.

Que Deus o ouça!

É que se não faça esperar por muito tempo são os fervorosos votos que estes Povos erguem ao Céu.

— Em 5 de Junho foi baptizada na nossa igreja a menina Maria Teresa da Conceição, filha do nosso assinante Sr. Luiz Rodrigues Prata e Tomázia da Conceição Prata.

Sendo seus padrinhos, a assinante da «Voz do Santuário» a Sr.<sup>a</sup> D. Maria Isabel Russo Lourenço e marido Sr. António Lourenço Azevedo.

No mesmo dia foi baptizada também a pequenina Maria Albertina Moreira, filha do nosso assinante Sr. Albertino dos Anjos Moreira e esposa Maria da Luz Jerónimo Moreira.

Tendo como padrinhos seus manos Manuel Jerónimo Moreira e sua irmã.

Pedimos a Nossa Senhora das Preces e a S. Vicente a protecção de mais estas duas pequeninas agremiadas da santa Igreja.

— O novo Rev.<sup>o</sup> Coadjutor que trabalha sem descanso para elevar esta freguesia ao nível a que tem jus, iniciou no dia 7 de Junho, coadjuvado pelo também nosso Rev.<sup>o</sup> Pároco e pela Legião de Maria, a distribuição diária de uma abundante sopa a 75 crianças da idade até aos 13 anos, esperando aumentar o número delas com o auxílio da benemérita instituição da Cáritas portuguesa e outros!

Vai também criar um jornal mensal que virá a ser um dos melhores pugnadores a favor desta freguesia de S. Vicente da Beira que alguém, um ia, classificou a sua sede de a «pequena Lisboa».

Aguardamos o aparecimento de tão desejado periódico para que ele venha estreitar cada vez mais a união desta briosa família vicentina.

E para que o mártir São Vicente ajude o nosso Rev.<sup>o</sup> Coadjutor na realização das

suas tão valiosas e queridas aspirações, vão os nossos mais fervorosos votos.

— Pede-nos a Sr.<sup>a</sup> Maria da Conceição Craveiro, de S. Vicente da Beira, para dizermos na «Voz do Santuário» que a sua neta Maria do Carmo Jerónimo de 6 anos de idade, filha do assinante Sr. Francisco Jerónimo dos Santos e de Maria Albertina Barroso Craveiro residentes em Almada, tendo entrado para a Escola em Outubro de 1959, já no mês de Fevereiro último, recebeu dela uma linda carta muito razoavelmente bem escrita. Facto que tanto alegrou o coração da Avó e do Avô que lhe enviam muitos beijinhos.

— Chegou ao nosso conhecimento que está para breve a inauguração de uma Escola em Lagoa Fundeira o que representa o sonho dourado da sua professora, a entusiasta assinante e amiga da «Voz do Santuário» a Menina Maria de S. Pedro Pires, à qual apresentamos os nossos melhores cumprimentos de parabéns, extensivos a toda a sua criancada Lagoadeira Fundeira.

— Dia 9 de Junho teve lugar a Inspeção de apuramento para o serviço militar dos rapazes desta vila e freguesia, que foram este ano em número 48.

— A prestar serviço no Hospital da Misericórdia de Penamacor, partiu daqui há dias o nosso amigo Sr. João Alves Patricio, diplomado de Enfermagem e muito apreciado assinante da «Voz do Santuário».

— Dia do Santíssimo Corpo de Deus, que este ano teve lugar em 16 de Junho, na grandiosa e solene procissão através das ruas da vila atapetadas de verdura e flores, com as janelas e varandas engalanadas de vistosas colgaduras, figurou também, como não podia deixar de ser, a bandeira do nosso antigo Município, conduzida por um dos componentes da Junta de Freguesia; a qual bandeira nos traz a recordação do seguinte verso:

*Bandeira da nossa terra!  
O povo, todo, deseja  
Que São Vicente te guarde  
E o bom Deus te proteja.*

— Desde o dia da festa da Nossa Senhora da Orada e a dos mineiros, deram-nos a honra da sua visita os assinantes da «Voz» e os nossos amigos, os Srs. João Bonifácio; José Nicolau Lopes e esposa, Manuel Martins Paiva e esposa, Joaquim Maria dos Santos Caio e esposa, João Duarte, esposa e sobrinha, todos de Lisboa; João Teodoro dos Santos e esposa, de S. Vicente da Beira; António Duarte Carvalho e esposa, de Póvoa de Rio de Moínhos; António Lino Lopes,

Com 10\$00 pagaram:

Manuel Gonçalves Pereira, Adiça.  
Lino Madeira, S. Romão.  
José Fernandes Coimbra Júnior, Molelos.  
José Mendes Freire, Gondoufo.

D. Odete Baptista Freire, Lisboa.  
Luiz Alves Fortunato, Mouronho.

Com 15\$00 pagou o Sr. Américo Ramos Pereira, Cebola.

Com 20\$00 pagaram os Senhores:

António Augusto de Almeida, Meãs.

António Pires dos Santos, Silveiras.

António Inácio Ribeiro, Vide.

José Luiz de Brito, Vide  
Manuel dos Santos Diniz, Pomares.

Benardino Ribeiro, Moita da Serra.

Manuel Fajões, Tondela-Molelos.

Albano M. Lopes, Rio Mel.  
Manuel Francisco Ribeiro, Lisboa.

Adelino Antunes Loureiro, Pardieiros.

António da Pina, Arganil-Lomba.

Jaime Antunes Raimundo, Lomba.

Alvaro Guilherme, Lisboa.

Augusto António da Silva, Alvoco de Várzeas.

Manuel de Jesus Almeida, Galizes.

Antonio Miguel, Lisboa.

José Gaspar, Oleiros.

Daniel Mateus Muralha, Oleiros.

Guilherme Bento, Soito da Ruiva.

D. Maria Manuela Teixeira Mendes, Parente.

Com 30\$00 pagaram os Senhores:

Mário Mendes Antunes, Brejos do Barco.

Manuel Loureiro, Dardavaz.

da Amadora e José Maria Lino, digno agente da «Singer», residente em Almada.

Também o simpático assinante da «Voz» Sr. Alberto Lopes Parada, de Lisboa, além de um abraço por intermédio do assinante Sr. José Maria Lino, nos enviou uma linda carta em que dá largas aos seus sentimentos da verdadeira amizade que o ligam a S. Vicente da Beira. Natural do Porto, afirma-nos que considera S. Vicente como se fosse a sua própria terra natal! e os seus habitantes como seus queridos conterrâneos, pedindo-nos também que o abraço que nos enviou seja extensivo a todos eles.

Por sua vez os vicentinos têm pelo seu amigo Sr. Alberto Lopes Parada, muito digno e valioso Agente da Companhia «Singer», Jornalista, etc., a mais elevada estima e consideração. E cá o esperam, como ele, aliás, nos dá essa esperança, para as próximas festas do verão.

A todos estes amigos, incluindo o bom e tão interessante Sr. Parada, desejamos as maiores prosperidades e aqui lhes enviamos a expressão sincera do nosso coração agradecido.

## Assinaturas pagas da VOZ DO SANTUÁRIO durante as festas

D. Piedade da Silva Loureiro, Dardavaz.

Com 40\$00 pagaram os Senhores:

José Dias, Lisboa,  
António Silvestre Figueiredo, Barril do Alva.

Abel Lopes da Graça, Baloquinhos-Vide.

Com 50\$00 pagaram os Senhores:

D. Fernanda Alves da Rosa, Abitureira.

Armando Matias Ribeiro Freire, S. Romão.

Jaime Ribeiro Salgado, Tondela.

### Assinaturas pagas durante o mês de Maio:

Com 10\$00 pagaram os Senhores:

Augusto Cristóvam, S. Martinho do Bispo.

José Moreira, S. Vicente da Beira.

António Adrião, Torno-Piódam.

João Martins, Castelo Branco.

D. Maria Elisa Mendes Dias, Aldeia das Dez.

D. Maria de S. Pedro Pires, Lagoa Fundeira.

Alfredo de Oliveira Brito, Aldeia das Dez.

António Bernardo Lobo, Galizes.

Manuel Mendes, Parente.

António Henrique Freire, Barriosa.

José Luiz, Balocas.

José Marques da Costa, Aldeia das Dez.

Vasco Augusto Dias, Lisboa.

António Mendes Dias, Alvoco de Várzeas.

António Mendes Dias, Coimbra.

D. Maria Alice Fontinha, Foz d'Egua.

Arnaldo Pacheco, Piódam.

António Abel Mendes Diniz, Aldeia das Dez.

Francisco Gonçalves Martins, Caucinos-Oleiros.

D. Maria da Ressurreição Hall, Lagos da Beira.

Arlindo Dias de Oliveira, Covilhã.

José João Gonçalves, Avô.

Alvaro de Brito, Muro-Vide.

Alfredo Francisco Tomaz, Cebola.

José Francisco Pereira, Cebola.

Luiz Correia, Amial-Semide.

Armando Mendes Moreira, Póvoa de Cambas.

Com 12\$00 o Sr. José Pereira, Lobão da Beira.

Com 13\$00 o Sr. António da Costa Figueiredo, Lisboa.

Com 12\$50 o Sr. Manuel Nunes André, Alvoco de Várzeas.

Com 15\$00 os Senhores:

João Cristóvam, Coimbra,

e José Abranches Diniz, Aldeia das Dez.

Com 20\$00 pagaram os Senhores:

Manuel Belo da Fonseca, Coimbra.

Cristiano Belo da Fonseca, Coimbra.

Alfredo Valentim dos Santos Leal, Vila Nova de Oliveira.

Domingos dos Santos Barroso, S. Vicente da Beira.

Alfredo Ribeiro Saraiva, Lourosa.

Dr. Manuel Gomes de Abreu, Tondela.

Manuel da Costa Cabral, Tragos.

D. Amélia Tavares Diniz de Brito, Aldeia das Dez.

António Pacheco, Lourenço Marques.

D. Gracinda de Jesus, Lisboa.

Joaquim Francisco Morais, Lisboa.

D. Maria José Fontes, Lisboa.

Com 25\$00 pagou o Snr. Prof. António da Costa Viegas, de Vila Pouca, e o Snr. Tito Garcia Veloso, Beira, África.

Com 30\$00 o Snr. António da Costa, Galizes.

Com 50\$00 a Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Margarida Oliveira Brito Lopes, residente em Nova Sintra.

Com 100\$00 o Snr. Adelino Augusto de Moura, Lisboa.

Recebemos:

Do Snr. José Pires Lourenço, de S. Vicente, anual da Irmandade, 10\$00; do assinante Snr. Francisco Torres, de Lisboa, donativo para que Nossa Senhora proteja a alma de seus Avós, 10\$00; da Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Maria Sabina da Conceição, de S. Vicente da Beira, em cumprimento de uma promessa a Nossa Senhora das Preces, por ter atendido uma graça que pediu, 100\$00. A Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> Maria Augusta Diniz da Costa, residente em Lisboa, enviou 20\$00 em cumprimento de uma promessa a Nossa Senhora das Preces.

## Visitar o Santuário de Nossa Senhora das Preces

é visitar um dos  
mais belos  
e pitorescos  
santuários do país.

Assine, leia  
e divulgue a  
«Voz do Santuário»

# Conversando... A modéstia

virtude cristã e humana

(Continuado da página um)

de se determinar por motivos de ordem espiritual, apenas obedece aos instintos brutos da sua condição inferior.

Não há personalidade onde falta o respeito pela própria pessoa ou quando esta se perde na abdicação das suas qualidades mais nobres. A modéstia, sendo uma reacção às tendências desmoralizadoras da multidão, confere a quem a pratica a marca indelével de uma forte independência e personalidade. Determina uma atitude senhorial em relação àqueles que cegamente imitam o proceder de «toda a gente».

Saiba isto a juventude: Nem sempre «toda a gente» tem razão. Esta expressão, tão generalizada hoje, serve na maioria dos casos para tranquilizar uma consciência insatisfeita e inconformada com o mal, e falsamente justificar uma deliberação reprovável. Estamos no verão: «Que a nossa modéstia seja edificante e notória a todos os homens»!

O. M.

**Leia, Assine e Propague a**  
«Voz do Santuário»

## BAPTIZADO

Na nova igreja de S. José da cidade de Coimbra recebeu o santo sacramento do Baptismo, o menino Afonso Manuel Morais Ferreira, filhinho do Sr. João Lopes Ferreira e da Sr.<sup>a</sup> Lurdes Morais Dias, naturais de Alvoco de Várzeas e residentes naquela cidade.

A cerimónia, que teve lugar no passado dia 15 de Maio, foi presidido pelo Sr. Padre Alfredo Amado Rodrigues, pároco de Alfarelos, amigo pessoal dos pais do neófito. Foi padrinho o Sr. Luís Augusto Rodrigues Alves Martins, estudante universitário, natural de Torrocelo (Seia) e madrinha a Sr.<sup>a</sup> D. Flora Pinto de Brito, da cidade do Porto.

Ao almoço que se seguiu ao cerimonial litúrgico assistiram, além das pessoas já mencionadas, as Sr.<sup>as</sup> D. Lurdes Pinto de Brito, D. Jesuína, meninas Ilda do Carmo e Isabel Ferreira da Cruz, José Lopes Ferreira e várias pessoas de família e outros convidados.

A Voz do Santuário faz votos pelas felicidades e longa vida do pequenino Afonso Manuel ao mesmo tempo que implora do Céu as mais abundantes bênçãos para seus pais e avós.

# A nossa Paróquia

(Continuado da página 1)

mentos. No nosso caso, é o Pároco que comanda todos os movimentos religiosos, sociais e caritativos da freguesia. Não pode nem deve substituir-se aos seus subordinados mas deve aproveitar todas as actividades, todas as forças, todos os movimentos, e a todos orientar para o reinado de Cristo.

Na Igreja nascente, os cuidados dos pobres e viúvas quasi absorviam toda a actividade dos Apóstolos. Por inspiração do Espírito Santo, resolveram entregar esta actividade aos Diáconos, e reservaram-se para o comando: «*Nos autem orationi et ministério verbi instantes erimus*».

Assim acontece na paróquia. O Pároco é o chefe que orienta a educação e o ensino da Catequese, mas precisa de actividade, zelo e boa vontade das pessoas a quem Deus dotou de qualidades, que são como a luz, que não alumia, se estiver debaixo do alqueire de um comodismo criminoso. Ninguém pode exercer o ensino e educação cristã em nome próprio; é necessário o mandato da Autoridade legítima que de tal o encarregue e de tal tome a responsabilidade.

O Pároco é o chefe que orienta a caridade para com os pobres da paróquia. Para isso precisa que todo o movimento de caridade se enquadre no seu plano e, assim, todo o bem é exercido em nome da Igreja, em nome de Deus. Fora disto há o perigo de se perder muito do merecimento das boas obras, que serão leitadas em nome do egoísmo, do interesse, ou de intenções menos rectas.

Todos os cristãos podem de alguma maneira, dar ao Pároco a sua colaboração. «O Espírito Santo sopra onde quer» Para ouvir a Sua voz é preciso estar atento. A uns impele-os para o apostolado activo na Catequese, na Acção Católica, nas Confrarias ou Irmandades, nas Conferências de São Vicente de Paulo, na Obra das Vocações, etc.

Outros que tenham uma vida muito ocupada, devem oferecer as obras de cada dia, pela conquista da sua paróquia. Todos podem rezar pelos pecadores, pedir a Jesus a sua conversão, em Comunhões fervorosas, na participação da Santa Missa, e em íntimos colóquios com Nossa Senhora.

Os doentes podem ser excelentes colaboradores do Pároco, fazendo o ofertório do seu sofrimento pelo progresso espiritual da Paróquia.

As crianças deve despertar-se o zelo pela conversão dos seus irmãos, iniciá-las nas obras de apostolado; dar-se tarefas que, além do merecimento sobrenatural, lhes dará ainda a sensação do bem.

Outros colaborarão com o Pároco, dando o seu dinheiro para sustentar as obras de caridade, piedade ou religião.

Enfim, ninguém pode negar a sua colaboração. Se o fizer, não assimilou o Espírito de Cristo, que é de caridade e amor, em Igreja, para o Reino de Deus.

# Electrificação de Vale de Maceira e Goulinho

(Continuado da página um)

**Também não somos SEDE de freguesia com direito a assentar o nome nos cadernos dos contratos da Empresa com a Câ nara.**

**Pobres de nós, pequenos e hú nildes, não temos padrinhos de grande vulto que pesem nas esferas superiores, ou que tenham influência junto da Empresa, de modo a que esta nos traga a luz desejada, como leva às sedes de freguesias e outras localidades, sem que o povo contribua com os seus dinheiros.**

**Para nós o problema está posto: ou pagamos e a luz vem, ou não nos interessamos e a luz vê-la-emos, lá ao longe e lá em baixo, a iluminar os outros.**

**É possível que no nosso caminho topemos com gente habituada a iluminar-se com o azeite, ou com as pinhas e por isso se desinteressam. Não se faz caso dessa gente...**

**É preciso acompanharmos o progresso, já sabemos os benefícios que nos traz, já sabemos, pela experiência dos outros, a falta que nos faz.**

**Portanto nada temos a olhar para trás.**

**Agora... ou tarde ou nunca.**

(Continuado da página quatro)

as coisas. Não compreendo como Deus, sendo tão poderoso, sábio e bom, deixa correr as coisas assim.

— Ora vamos a ver se nos entendemos. Quando o compadre esteve na tropa, quem dava ordens era o Senhor ou o Comandante?

— Claro que era o Comandante.

— E as ordens que ele dava eram todas à medida dos desejos de cada soldado?

— Bem, isso não podia ser, porque uns haviam de querer andar, outros de ficar no quartel.

— Olhe cá e não lhe aconteceu ter de cumprir ordens de que não gostava e sem saber que para fins eram dadas?...

— Isso era quase sempre...

— Mas tinha de andar para a frente? Não é verdade?

— Não brinca! Ai daquele que levantasse a grimpá...

Então e o compadre pensa que o Comandante, não sabia que nas manobras uns teriam sede, outros fome, que uns haviam de sentir calor, outros sentiriam cansaço, outros que adoeceriam e até que alguns podiam morrer?

— Bem, o compadre compreende. Isso são coisas que sempre mais ou menos acontecem.

— Ora agora diga-me cá. O comandante dirigiu mal as manobras por não poder satisfazer os desejos e as vontades dos soldados?

— Lá isso não. O comandante não podia atender a isso, de mais a mais eram tantos...

— Ora aí tem. Se isso é assim na direcção dum regimento, como é que nos atrevemos a dizer que no governo, do mundo, Deus não faz as coisas bem? Como é que o mundo poderia ser bem governado, se Deus tivesse de o governar segundo os desejos de cada um? Vem a chuva, vem o sol, vem o vento, vem a doença, vem fome, vem a fartura, vem os desastres, vem a morte... e no fim de cada ano está tudo certo. Nasceram uns; são alegrias. Morrem outros; são tristezas. Há desastres; são aflições. Há chuva é o sangue da terra; há sol, é calor que tudo cria. Assim o mundo continua, a vida continua também e, ao fim e ao cabo, parece que ninguém nasceu, nem morreu ninguém. É assim ou não é?

— Lá isso é verdade, amigo.

— Então compadre, demos graças à divina Providência que governa tudo com infinita sabedoria. Vamo-nos conformando com aquilo que Deus nos manda. Se nos dá fartura agradeçamos-lha se nos dá fome que seja para nos mortificarmos; se nos dá aflições é para nos lembrarmos dele; se vem doença é para fazermos penitência; se vem o luto é para nos desprendermos das coisas deste mundo; se vem a morte é para terminarmos a nossa passagem por este mundo.

Afinal já o cá encontrámos assim e assim o havemos de deixar.

— É, ou não é verdade?

— É sim senhor.

— Pois então compadre, nós não podemos compreender os altos designios de Deus; mas sabemos que Deus é nosso Pai e que sem dúvida nos dá o que merecemos e o que melhor nos leva à salvação.

— Obrigado, amigo, pela lição que me deu.

## Por ALDEIA DAS DEZ

### Casamento

No mês de Junho passado realizou-se o casamento do Sr. Manuel Figueira, da Quinta da Ribeira, mas residente em Lisboa com a menina Maria do Céu Mendes, do lugar de Aldeia das Dez, filha do Sr. José Lazer e de Virgínia Nunes. Os noivos foram residir para Lisboa. Que sejam muito felizes.

### Registo Civil

O Posto do Registo Civil de Aldeia das Dez já está a funcionar, tendo sido nomeada para o cargo de Ajudante a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Helena Pires Baptista, esposa do Sr. Manuel António Moreira Figueiredo.

### O nosso relógio

O relógio da torre já há bastante tempo que não regula bem. Ora adianta, ora atrasa, ora pára de todo. Parece que o mal já é velho e não tem cura.

Já vieram vários entendidos e nenhum acerta.

Um diz que é mal de gota e receita óleo com fartura; outro diz que é mal de pernas e receita cordas de aço; outro diz que é mal de dentes e receita rodas novas; outro entende que é mal do peito e manda afinar a pêndula. Até de Braga já cá veio um relojoeiro. Viu, observou, auscultou, tomou o pulso... e receitou um relógio novo que este já não tem conserto. Ora eu, sem ser relojoeiro nem entendido, entendo que o homem tem razão. O melhor remédio era um relógio novo. Que dizem os Senhores?

### MANDAMENTOS DA «VOZ DO SANTUÁRIO»

- 1.º — Assinar;
- 2.º — Ler;
- 3.º — Pagar;
- 4.º — Arranjar novas assinaturas.

# Irmãs de Caridade

## FABRICANTES DE CERVEJA

O último número de *Cerveja* boletim da Sociedade Central de Cervejas publicava com o título supra uma interessante nótula respigada de «L'Echo de la Brasserie»:

«Perto de Thannhausen (Ursberga-Baviera), existe um grande convento de Irmãs de Caridade da Congregação de S. Joé no qual mais de 500 freiras consagram a sua vida ao alívio das enfermidades de 1.500 indigentes, crianças e adultos, cegos, surdos-mudos, nervóticos e deficientes mentais.

O Convento de Ursberga, que é constituído por um grandioso conjunto de edifícios de 5 e 6 andares, foi fundado em 1125 como Mosteiro de Monges Regrantes.

Inúmeras vezes incendiado e destruído no decorrer das guerras, integrado nas propriedades do Estado Bávaro em 1803, foi readquirido, em 1884, por um Cónego que nele instalou as Irmãs da Caridade.

É uma pequena cidade com estabelecimentos e oficinas dirigidos e explorados pelas Irmãs em benefício da Comunidade. Lá se encontram, entre outras, uma serração, uma moagem e uma fábrica de cerveja. Esta última é dirigida pela Irmã Maria Appolinaris, que obteve o seu diploma de «Mestre Cervejeiro» na Câmara da Indústria e do Comércio de Munique, coadjuvada por duas outras irmãs, igualmente diplomadas após um treinamento rigoroso.

A fábrica produz cerca de 1.500 hectolitros por ano (em 50 fabricos) de cerveja de fermentação alta de dois tipos: uma cerveja pálida com 13 por

cento de extracto e uma cerveja ligeira para consumo das crianças. Toda a produção é consumida pelos diversos departamentos do convento. Apenas se vende a que é servida na hospedaria onde os parentes e visitantes dos enfermos a pagam à razão de 12 francos belgas por cada litro.

A sala de brassagem é idêntica à de qualquer pequena fábrica racionalmente equipada. A cave de fermentação tem duas cubas de madeira de 45 hectolitros. A cave de guarda possui onze tonéis, também de madeira, dos quais 7 de 20 hectolitros e 4 de 54 hectolitros o que dá uma capacidade total de guarda de 356 hectolitros permitindo uma «rotação» de 5 enchimentos anuais. A cerveja é introduzida em barris ou em garrafas por máquinas modernas.

As matérias-primas, malte e lúpulo, provêm de 200 hectares de terras cultivadas pelas freiras. A plantação de lúpulo compõe-se de 600 pés que dão uma colheita de cerca de 400 quilos. A água vem de um poço existente no convento e do qual é extraída por electro-bombas.

Um repórter americano da revista «The Brewers Digest» que visitou o convento fez o seguinte comentário:

«Ursberga perpetua e expande a nobre herança do seu fundador. Esta instituição caritativa é um empreendimento social de extraordinária força criadora. O seu objectivo é o de fazer de crianças deserdadas pela natureza, seres humanos úteis. Cada um dos pensionistas, reabilitado pelo carinho destas freiras, contribui com o seu trabalho para o bem-estar do homem».

# A NOSSA PARÓQUIA

Há duas palavras que se usam indistintamente e, no entanto, têm sentidos diferentes: são as palavras «freguesia» e «paróquia».

Freguesia quer dizer: o conjunto dos filhos da Igreja. Paróquia é a porção de território diocesano, com Igreja própria e pároco próprio, que, naquele território faz as vezes do bispo.

Neste termos, nem todos os que se encontram na paróquia pertencem à freguesia; mas toda a freguesia pertence à paróquia. São *freguesia* os baptizados; os não baptizados, que se encontram na paróquia, não são *freguesia*.

Sendo a Igreja um exército chefiado pelo Papa e pelos Bispos, o Pároco é um Sub-chefe dependente do respectivo Bispo, com a responsabilidade do regimento que lhe foi confiado, para a conquista do reino de Deus.

Todo o cristão deve ser um soldado obdiente e disciplinado, não podendo, em boa consciência, negar-se à luta, para a conquista da paróquia. É a *freguesia* que deve conquistar a *paróquia*.

O chefe é a cabeça; e a cabeça não está nas mãos, nem nos pés mas é a cabeça que comanda todos os movi-

(Continua na página três)

# OFERTAS EM OURO

Em cumprimento de promessas foram oferecidos os seguintes objectos à Senhora das Necessidades:

D. Isaura Rosa Duarte, de Lages da Beira, um anel; D. Maria José, da Barriosa, uns brincos; D. Maria Almerinda Alves, de Vila Pouca, um fio; D. Eduarda Borges Moura, um par de brincos; Américo de Oliveira Duarte, Carragozela de Tábuia, um par de brincos; D. Izilda Lopes da Silva, Ermida de Tondela, um fio; e D. Clarinda Barbosa, Freixo de Mortágua, um par de brincos.

À Senhora das Precês foi oferecido um relógio de algibeira com corrente de prata pelo Sr. Filipes Mendes dos Santos, residente em Lisboa e o Sr. Albino Alves, residente em Lisboa, em nome de D. Silvina Alves Ramalheira entregou um grande cordão de ouro com o peso de 50 gramas.

O Sr. Eduardo Borges da Silva residente no Canadá mandou entregar quatro dólares: dois para a Senhora das Precês e dois para a Senhora das Necessidades.

Em dinheiro, pelo correio, recebemos 20\$00 do Sr. Francisco Coimbra Figueiredo, de S. Pedro d'Alva, para Nossa Senhora das Precês; 10\$00 do Sr. Vasco Augusto Dias, residente em Lisboa para a Senhora das Necessidades; 40\$00 que o Sr. Joaquim Francisco Morais, residente em Lisboa, enviou em acção de graças pelas graças que a Ex.<sup>ma</sup> Sr. D. Ana da Conceição e sua irmã receberam de Nossa Senhora das Precês.

## AS OVELHINHAS (Aos lavradores)

*Já viste as ovelhinhas,  
Que, por Deus e seus favores,  
Têm no mundo posta a mesa  
Com várias ervas e flores?*

*Já viste as ovelhinhas,  
Que andam no monte a pedirem  
Que lhes dispam as roupinhas.  
Prós seus donos se vestirem?*

*Já viste as ovelhinhas  
Adubando os «preganais»,  
Enchendo aos agricultores  
As tulhas de cereais?*

*Já viste as ovelhinhas,  
Que, apenas os filhos nados,  
Dão leite, manteiga e queijos,  
Que são tão apreciados?*

*Conheceis as ovelhinhas,  
Que dão cordeiros à luz,  
Entre os quais um simboliza  
O Cordeirinho. JESUS?*

*E aquelas ovelhinhas  
Perdidas por falso amor,  
Que voltam ao seu redil  
Sobre os ombros do Pastor?*

*Amigos: tende ovelhinhas,  
Que são muito valiosas,  
Se quereis as vossas casas  
Sempre fartas e mimosas.*

José Lourenço

# Conversando...

Então compadre anda rijo ou não?...

— Cá vou indo menos mal, graças a Deus; agora com muito trabalho, que nem dá vagar de catar as pulgas...

— Isso agora já se não usa.

— Não usa o quê?

— Catar pulgas. Isso agora deita-se-lhes uns pözinhos e pronto.

— Ah! muito bem; isso agora é à moderna. Até as regas, até as rachas, até as enleiras, até as debulhas, é à moderna e até pelos vistos se morre à moderna.

— Olhe compadre, de tempos a tempos os ventos mudam e os costumes, com os tempos, também vão mudando.

— Umas vezes para bem, outras para mal. Não é verdade?

— Claro, nem tudo corre à medida dos nossos desejos.

— Olhe compadre, eu cá sou católico e acredito que há um Deus que nos governa. Mas tenho cá na minha... que muitas coisas não estão bem.

— Pois claro, homem de Deus, há muitas coisas que

não estão bem, porque os homens são tortos...

— Não é bem isso. São muitas coisas que acontecem no governo do mundo. Olha, por exemplo: a gente quer chuva para as plantas e vem um verão com calor de assar pintos ao sol. A gente quer sol e vem chuva que nunca mais acaba. Um chefe de família precisa de saúde para ganhar o pão para a mulher e filhos e vem-lhe a doença. Ora é nisto que eu digo não estarem bem

(Continua na página três)

## Casamento em Angola

No dia 23 de Abril realizou-se na igreja de Nossa Senhora do Populo, em Benguela, o casamento da Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D.<sup>a</sup> Maria Juvenália da Costa Amaral com o Ex.<sup>mo</sup> Snr. Joaquim Jorge Correia Canelas. A noiva é filha da Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Izaura Marques da Costa Amaral, nossa estimada assinante e residente em Benguela. Aos noivos desejamos muitas felicidades.

# Aneotas

Um grupo de amigos foi passar o dia ao campo. Levaram abundante farnel, comeram bem, beberam melhor. Quando queriam ir para a estação, a fim de se meterem no comboio, não atinavam com o caminho. Por fim perguntaram a uma campônia. Esta, vendo o estado em que se encontravam e não querendo perder as palavras, perguntou:

— Bem: qual dos senhores está menos borracho?

Os excursionistas olharam uns para os outros, hesitantes e por fim um deles disse:

— Esse não veio.

*Todos se lembram de que durante um período da guerra mundial passada, Londres esteve sujeita a intenso bombardeamento com as terríveis bombas alemãs V-1 e V-2. Nessa ocasião, um fleugmático londrino dizia.*

— «Cá por mim não me ralo. Em primeiro lugar é preciso que a bomba atinja Londres; depois, em Londres, o meu bairro; e no meu bairro a minha casa; e, dado que acertem em minha casa, não acertam em mim, porque nunca lá estou; estou sempre na taberna.

Fala-se no serviço dos correios.

— É muito bom, mas às vezes...

— Às vezes quê?

— Olhe: há dias escrevi uma carta para Braga...

— E que aconteceu?

— Três dias depois encontrei-a na algibeira.

Contava Cândido Guerreiro, que exercera funções de notário, que o marido de certa senhora, ao fazer testamento, declarou a dada altura:

— Deixo a minha mulher cinquenta contos...

O notário observou:

— Sua esposa é ainda bastante nova e pode tornar a casar-se. Quer V. Ex.<sup>a</sup> fazer alguma advertência para este caso particular?

— Se tornar a casar deixo-lhe cem contos...

— Mas isso é o dobro e, neste caso, o costume é diminuir o legado...

O moribundo revirou ternamente os olhos e suspirou:

— Sim mas o desgraçado alguma compensação há-de ter!...

Certa actriz de pouca categoria chegou, uma tarde, atrasadíssima ao ensaio.

— Então isto é que são horas de apareceres? -- gritou-lhe o ensaiador.

— Desculpe. Ando com a cabeça perdida...

— Ai, andas? Pois vê lá se a encontras — retorquiu o ensaiador, sem pestanejar.

— Embora não seja um objecto de muito valor sempre é uma recordação dos teus pais!